

consciência enquanto “conhecer com”. Por outro lado, a ciência, ousadamente, desistiu da ligação com o outro e optou, em vez disso, pela busca de um aumento do conhecimento humano. Se a religião é orientada para o Eu, a ciência é orientada para o ego. A religião tem Eros como base; a ciência tem o Logos. A era que agora começa a despontar fornecerá uma síntese para essa tese e essa antítese. A religião buscou a vinculação, a ciência buscou o conhecimento. A nova concepção do mundo buscará o *conhecimento vinculado*.¹²

Com Eros entronizado ao lado do Logos, podemos voltar a esperar um mundo em equilíbrio. O sentimento e o princípio feminino não de ver admitida a sua importância e se reconhecerá que o intelecto por si só é insuficiente, e até mesmo perigoso. Haverá uma crescente convicção de que uma espécie de sentido moral constitui um elemento essencial à inteligência geral. Fica isto ilustrado pelo fato de ocorrerem com frequência descobertas científicas em ocasiões em que as expectativas se vêem frustradas. O verdadeiro cientista admite que a natureza é contraditória e pergunta a si mesmo o porquê disso, enquanto a pessoa comum insiste em dobrar a natureza à sua vontade. De modo que a integridade moral constitui um ingrediente essencial da criatividade científica. Basta examinar a fisionomia aberta de Einstein para perceber que ali estava uma pessoa de uma receptividade fora do comum para tudo aquilo que a natureza tivesse para dizer, sem levar em consideração a adequação daquilo às suas preconcepções.

Desde que (no fim da Revolução Francesa) a Razão foi entronizada como princípio que rege a civilização ocidental, vem diminuindo o respeito pela vida interior, subjetiva, o domínio da religião. Basta refletir sobre a nossa reação a palavras como “alma”, “subjetivo” ou “religião” para confirmar o descrédito das mesmas. Enquanto declinava a influência da religião tradicional, desenvolvia-se a psicologia profunda — como se a humanidade não pudesse suportar a perda de uma conexão viva com o mundo interior.

NOTAS

1. “The Christian Archetype”, programa público, C.G. Jung Institute, San Francisco, 1980; ver também Edinger, *The Bible and the Psyche: Individuation Symbolism in the Old Testament*, p. 11.
2. *Apologeticus adversus gentes pro Christianis*, xvii, citado por Jung in *Letters*, vol. 1, p. 392n, e *Psychology and Alchemy*, CW 12, par. 14n.
3. Ver nota 1.
4. “Freud and Jung: Contrasts”, *Freud and Psychoanalysis*, CW 4, par. 781.
5. *Two Essays on Analytical Psychology*, CW 7, par. 493.
6. *Letters*, vol. 2, p. 226.
7. “Psychology and Religion”, *Psychology and Religion*, CW 11, par. 148.
8. “Jung and Religious Belief”, *The Symbolic Life*, CW 18, par. 1666 (grifos acrescentados).
9. “Letter to Bill W.”, *Grapevine*, janeiro de 1963. Agradeço a Jean Shinoda Bolen por chamar minha atenção para a publicação. (Nota do org.: A correspondência entre Bill W. e Jung é reproduzida em Jan Bauer, *Alcoholism and Women: The Background and the Psychology*, pp. 123-127.)
10. *Ibid.*
11. *The Creation of Consciousness*, p. 36.
12. *Ibid.*, p. 57.